

O sono do pai

Carlos Eduardo Bione¹

Ter um filho há de ser, sempre, um ato de resistência.

Julián Fuks, *A resistência*.

O silêncio da casa, possivelmente seja essa a principal lembrança dos anos de infância. No pouco mais de quatorze anos em que convivemos, talvez seja melhor substituir o 'convivemos' por 'estivemos na mesma casa', o seu sono materializava quase sempre a sua presença. Para a minha percepção infantil, a situação era simples: seus plantões durante a madrugada te obrigavam a trocar a noite pelo dia; eu, como estudava pela manhã, dormia à noite. Assim, no final da tarde, nos víamos e, eventualmente, trocávamos alguma palavra. Mas essa aparente equação lógica não era tão simples – só me dei por isso anos depois.

A regra familiar do “psiiiu, fale baixo, seu pai está dormindo”, para não te incomodar enquanto você descansava e se recuperava para mais outro plantão, acabou por silenciar quase tudo o que precisava ser dito. Às vezes penso que essa assincronia da vida familiar acabou, no final das contas, por tornar possível o nosso convívio. A simultaneidade da nossa presença no mesmo espaço e tempo não era das mais tranquilas, nossas diferenças de percepção nos acusavam e nos separavam mais que uma possível aproximação sugerida por nossas semelhanças físicas. Esse desconforto era ainda mais intensificado quando a sua presença, por algum motivo que exigisse a lei paterna a dar o seu veredicto, era convocada frente aos impasses da casa. Mas, a despeito das incompreensões de criança diante dos limites que se me impunham, era o silêncio que, entre nós, ganhava corpo e morada com o avançar lento dos anos.

Muita coisa se perdeu nesse espaço desabitado em que tudo poderia ter sido olho-d'água, fonte cristalina a minar. Assim, no espaço das possibilidades, sim,

¹Graduado e Mestre em Letras (UFPE) e Doutorando em Literatura (UnB).



tudo poderia ter sido. Tudo preservado em estado de latência, em promessa, em devir. Porém, na prática, a materialidade das nossas disposições, de um em relação ao outro, não avançava muito além da formalidade de nossos papéis. Das nossas tentativas de diálogo, dois solilóquios com a contundência de uma promotoria pública acabavam por se instalar já nos primeiros minutos de nossa fala. Eu a leste, você a oeste, simples assim. E dessa forma nos preservávamos das certezas um do outro. Essa escassez de tato foi-nos a relação possível, concluí ao receber o impacto da notícia de sua morte através de um telefonema numa madrugada de inverno longe da casa.

Pensei que o luto, agora definitivamente materializado, de alguma forma já se havia instalado entre nós. Só consegui chorar um mês depois. Um aluno, no meio de um café depois da aula, na cafeteria da faculdade, perguntou-me se alguma coisa tinha acontecido, pois as aulas de literatura tinham perdido um pouco do habitual entusiasmo. Sequer tive tempo de devolver a xícara à mesa e, no meio do gesto, o choro minou, transbordando a conversa.

Um ano até que eu pudesse retornar à casa e, de alguma forma, fechar o luto. Sozinho, de pé, diante do seu túmulo por quase uma hora em silêncio, me dei conta de que, talvez, aquele momento fosse o mais longo que já tivemos juntos, sem uma discussão. Pensei nas circunstâncias da sua morte, lamentei a precocidade de tudo, mas ao mesmo tempo procurei entender. *Ainda que as janelas se fechem, meu pai, é certo que amanhece.* Esses versos não me saíam da cabeça o tempo todo em que ali estive. Já em casa, resolvi que encomendaria uma pedra com os versos. Uma forma de te assegurar promessa de luz. Ao anotar as informações na agenda para passar à casa mortuária, percebi a cronologia das coisas.

Em preto e branco, a imagem borrada de uma fotografia sua perdida na infância voltou. Seu uniforme se impondo antes mesmo de qualquer expressão ser percebida no rosto daquele jovem de dezoito anos recém-completados. Único meio de garantir alguma possibilidade de futuro para o menino que, aos quatorze anos,

perdera o pai e tivera de assumir, junto com a mãe, a responsabilidade de alimentar uma fratria de oito irmãos. Sua entrada na aeronáutica deu-se assim, sem escolhas. Único caminho possível ao filho de arrimo que, a partir dos dezesseis anos, passara a ter direito a uma ração maior que a dos irmãos para tentar conseguir desenvolver bem o corpo e, com alguma sorte, ser selecionado na primeira hora do alistamento. Mas o ano de sua entrada, e disso só me dei conta ao escrever o seu nascimento na agenda, foi no olho do furacão. Tempo de suspensão total do Estado de direitos. Do seu sonho de um dia ser engenheiro aeronáutico, soube indiretamente pela sua insistência, anos depois, em me convencer a retomar os passos que as circunstâncias violentamente te interromperam. Não sei exatamente o que se passou nos seus dois anos de caserna, mas, pela sua saída, deixando para trás o seu sonho de uma carreira profissional, seu engajamento na militância política, no movimento sindical, seu entusiasmo na campanha pelas *Diretas já*, que, criança, pude ver de perto, sei que aqueles anos não te foram nada fáceis.

Quando, já no doutorado, comecei a estudar textos escritos pelos que viveram os anos de chumbo, passei a identificar as semelhanças dos efeitos pós-traumáticos das personagens daquelas narrativas e o conjunto de fragmentos guardados numa nebulosa da memória infantil. Realizei que o seu primeiro surto psíquico acontecera sete anos após o fim do regime e, mais importante, até ele acontecer, vários sinais nos foram dados e nós simplesmente não entendíamos o que se passava. Seu sono se alargava mais e mais. O diagnóstico de uma depressão profunda pegou todos de surpresa. Duas tentativas de suicídio se seguiram. E seu silêncio parecia querer nos poupar das barbáries do arbítrio. As reações do seu inconsciente durante o sono denunciavam a força do rio subterrâneo que você tentava conter. As frases repetidas em pavor durante o surto confirmavam a violência que você vivera.

Mas tudo isso, quando aconteceu, não fazia sentido algum para mim. Só pude elaborar e ressignificar esses fragmentos no momento em que anotei aquele



ano de nascimento na minha agenda... Até dessa informação primária – sua idade e, conseqüentemente, sua localização no tempo – o silêncio do sono me privou. Não tinha cabeça para entender o que se passava, os fatos apenas se acumulavam de forma fragmentada, um após o outro, diante dos olhos de uma criança atônita, que via a imagem de um homem imenso e forte – *o mais forte do mundo!* – ser estilhaçada dia após dia.

Passadas a efêmera euforia da campanha por uma anistia problemática e a movimentação do engajamento pela reabertura democrática, o peso das ruínas acumuladas nesse permanente tempo de exceção em que vivemos não demorou a te aniquilar. Foram quarenta anos de luta quotidiana vitoriosa contra os seus algozes. Até que, no meio de uma noite de inverno, rompendo o silêncio do exílio, o meu telefone tocou.

O Estado brasileiro pode não ter apertado o gatilho, mas hoje sei que foi ele quem pôs a arma em sua mão.

Desperto do longo sono, agora, o teu voo é livre.

Recebido em 01/04/2022
Aceito em 20/12/2022